Antonio Padula

Camões
e os novos poetas portuguezes

Conferencia feita a 30 de maio de 1896 no III Sarau Litterario-musical, dado pelos Intellectuaes ~~do segundo anno~~ *na salla Ricordi de Napoles*

(Traducção de **A. FERREIRA DE FARIA**)

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno...
(Cam.—*Lusiadas*).

Meus senhores:

Confiado, mais na vossa benevolencia que nas forças de que disponho, não pude eximir-me a acceder ás amaveis sollicitações do nosso digno presidente, o distinctissimo advogado dr. Xavier Magno, que me convidou a proferir algumas palavras sobre o immortal cantor dos Lusiadas, no sarau organisado hoje pelos *Intellectuaes*, em honra e gloria de Portugal, personificadas no grande nome de Camões.

Antes de entrar no assumpto d'esta conferencia julgo indispensavel referir-me ligeiramente á lingua em que escreveu este poeta.

Pensa muita gente que o portuguez é um dialecto hespanhol. Não é. Essa supposição explica-se ainda assim pela origem commum das duas linguas, pela approximação geographica dos paizes que as fallam e por certa semelhança superficial.

O Portuguez, ao contrario do que parece, é uma lingua independente, com organismo proprio, typico, como os das

outras linguas neo-latinas. E' um idioma, bello, rico, harmonioso, isento dos sons gutturaes do castelhano, de que muito se afasta phonicamente para se avisinhar talvez mais do francez em certos sons nasaes que não desagradam ao ouvido e lhe dão certa ternura e suavidade.

Os proprios hespanhoes conferiram ao portuguez o titulo de *lingua das flores*. Portugal, quando, chegado o seculo XVI, se elevou ao apogeu da sua gloria e do seu vigor, pôde contemplar nas obras de Luiz de Camões um extremo de perfeição tal que jamais foi attingido na lingua e litteratura portuguezas.

*

* *

Era em 1549. Os lusos assediavam Ceuta, onde os marroquinos resistiam como leões, com a coragem do desespero.

De improviso, no meio dos assaltantes irresolutos, erguese o vulto airoso d'um soldado, que, radiante de mascula belleza, entoa como inspirado um cantico guerreiro. Este cantico reanima o vigor enfraquecido dos seus irmãos d'armas, incita-os á lucta e vaticina-lhes a victoria em nome da patria.

Se a magestade do genio fulgura em corpos mesquinhos, como refulgirá superiormente ella quando encerrada em corpo airoso!

Um grito de admiração irrompe espontaneo de mil peitos frementes para logo seguido de: Viva o poeta! Viva Camões!

—Viva Portugal! responde o novo Tirceu: e á frente de todos, brandindo a espada, arroja-se ao assalto da fortaleza.

Arrebatados pela sua irresistivel fascinação, seguem-n'o os mais em delirio, e, como torrente transbordante, irrompem pela muralha assediada.

Os mouros, abalados por supersticioso terror, fogem diante de Camões que, em toda a sua pujança, parece o Deus da guerra e do exterminio.

Uma bala d'arcabuz fere-o no olho direito fazendo-o baquear; mas, com suprema alegria sua, pôde ainda ver fluctuar victoriosamente a bandeira lusitana nos bastiões de Ceuta.

*
* *

Formosa e gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro e neve, o lindo aspeito,
A bocca graciosa, o riso honesto,
O collo de crystal, o branco peito,
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vós, que ver tão lindo gesto.
. . . . . .
Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos com que fere Amor tomou,
E fez as lindas cordas dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios d'esses olhos fez as settas
Com que fere quem alça os seus a vel-os:
Olhos que são tão bellos
Dão armas de vantagem ao Amor,
Com que as almas destrue.
Porem, se é grande a dôr,
Com a alteza do mal a restitue;
E as armas com que mata são de sorte
Que ainda lhe ficais devendo a morte.
. . . . . .
Por esta fé mereço
A graça que esses olhos acompanha.
E o bem do doce riso.
Mas ah! que não se ganha
Com hum paraiso, outro paraiso.
. . . . . .

Tal é o magnifico retrato com que Camões nos pinta, n'uma das suas canções, Catharina d'Athayde, a formosa e gentil dama da côrte, de quem tanto se enamorou e que tanta influencia exerceu nas suas muitas aventuras e na immortalidade da sua fama.

Os paes da donzella, ricos e orgulhosos, não viam com

bons olhos estes amores e para esconjurarem o perigo que poderia resultar do seu casamento com o poeta, valeram-se de toda a influencia que dispunham no Paço para lhe promover o desterro para Santarem.

N'aquelle retiro solitario escreveu Camões muitas lyricas que exprimem o estado tormentoso da sua alma e deu começo ao divino poema, padrão eterno das glorias portuguezas.

Mais tarde alistou-se na milicia, como simples soldado: e v.as ex.as bem viram a valentia com que combateu os marroquinos.

Era todavia pouco ainda o valor do seu engenho e a heroicidade estampada nos ferimentos recebidos, para o deixarem aspirar á mão da sua Catharina ou a qualquer recompensa da patria. Triste desdita a sua! Achavam pouco ainda! Magoado, e com razão, da injustiça dos compatriotas que o não comprehendiam, resolveu abandonar Lisboa e embarcar para as Indias Orientaes a bordo d'um dos navios da esquadra de Fernando Alvares Cabral que partia com aquelle rumo.

Um temporal medonho cahindo sobre os navios fel-os dispersar. Só um nada soffreu. Era o *S. Bento*. Pois seria possivel ser attingido o navio que conduzia Camões?

No meio do seu orgulho e de toda a sua furia, o mar respeitou sempre, como sagrado, o pintor fiel e inimitavel dos seus phenomenos grandiosos!

Chegou Camões a Goa, triste reliquia que recorda a Portugal o seu immenso dominio das Indias e que é o resto do que alli possuiu. Como voluntario, foi tomar parte nas aventurosas expedições contra o Rajah de Chembé e contra os piratas que infestavam o Mar Vermelho. Assim se lhe ia embalando a phantasia e avigorando o amor da patria.

Em Goa não lhe soffria a alma generosa o ver os abusos commettidos no Governo da India: o que o levou a escrever os *Disparates da India*, satyra a tresbordar de fel com a qual muito se irritou o Vice-Rei D. Francisco Barreto que o desterrou para as Moluccas, encarregado, por ironia, da administração dos bens dos fallecidos.

Dois annos viveu o poeta na solidão de Macau. Alli, de-

baixo do esplendido ceu dos tropicos e no seio d'uma natureza luxuriante, concluiu a gloriosa epopeia.

Foi durante o exilio que veio a saber da morte de Catharina. Nada lhe poderia ser mais doloroso. Os versos crucientes que Camões escreveu então, lamentando a perda da sua adorada, mostram até que ponto chegara a grandeza da sua dôr. Eis um fragmento:

Se lá, no assento ethereo onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

*
* *

D. Constantino de Bragança, o novo vice-rei, que conhecia e tinha em grande apreço o poeta, chamou-o do exilio

O navio que o conduzia naufragou na foz do rio Mekong e, meus senhores, por certo que ninguem o ignora, Camões pôde salvar-se nadando com um braço e segurando na mão que tinha livre a unica riqueza que possuia e que não queria confiar ao mar: o manuscripto do seu poema. A consciencia do proprio valor já lhe fazia antever a immortalidade do seu e do nome lusitano.

Accusado de peculato pelos seus inimigos, teve de soffrer a pena de prisão; facilmente se justificou; mas alguns credores inexoraveis fizeram-n'o continuar encarcerado até que a generosidade de alguns amigos lhe pagou as dividas possibilitando-lhe o regresso á Europa.

Apoz uma ausencia de 16 annos, ancioso de rever a sua adorada Lisboa, satisfez o seu desejo desembarcando a 7 de abril de 1570 tão pobre como no dia em que a deixara por outras terras onde outros accumularam grandes riquezas.

Por um momento parece que a fortuna, até então adversa, lhe começava a sorrir. O jovem rei D. Sebastião, penhorado com a dedicatoria dos Luziadas, fez um acolhimento gracioso ao poeta guerreiro.

Morto prematuramente aquelle principe na batalha de Alcacer Kibir, n'aquelle enorme desastre que privou Portugal da sua independencia, viu-se Camões falto de apoio, reduzido á mais extrema miseria e forçado, segundo a tradição, a viver das esmolas angariadas nas ruas da capital pelo seu fiel Antonio, o escravo javanez que o acompanhara das Indias.

Precisamente no dia em que Portugal se viu jungido á Hespanha deixando o governo liberal que gozara para supportar a dominação tyrannica de Filippe II, evolava-se no hospital de Sant'Anna a grande alma do atleta da litteratura portugueza, do heroico soldado de Ceuta que morria feliz por acabar no solo da sua patria cujas saudades tanto lhe alancearam o coração e por acabar ao mesmo tempo que ella!

Era a 10 de junho de 1580; Camões tinha então 55 annos.

*
* *

Meus senhores!

O primeiro poema epico moderno, de assumpto novo, onde se sente o palpitar d'uma nova vida, poema que tem merecido louvores da gente culta de todos os paizes e o mais digno de estudo para os verdadeiros poetas, é inquestionavelmente os *Lusiadas*.

A empreza titanica dos portuguezes em dobrar o Cabo da Boa Esperança, procurar o caminho maritimo da India, descobril'o, fundar colonias e desenvolver relações de commercio com os naturaes é o vasto argumento d'aquella epopeia, onde, sem batalhas, sem assedios nem carnificinas, se celebram as

pacificas conquistas da industria e a lucta porfiada do homem contra a natureza.

Em 8 de julho do proximo anno passa o quarto centenario do dia em que Vasco da Gama sahiu de Lisboa com 4 navios, soberbo por ir affrontar mares ignotos e por ligar indissoluvelmente o nome da personalidade historica, independente e soberana, de Portugal á gloria e aos destinos da moderna civilisação cristã que vae avançando, avançando e vae-se expandindo sempre.

Quem poderia melhor que Camões cantar os feitos do audaz almirante dos mares, elle que empregou os mais bellos annos da vida servindo a patria e que admirou com orgulho e amor, no proprio theatro da grandeza lusitana, os esforços e os sacrificios dos seus compatriotas pelo triumpho de generosos ideaes?

O cyclo esplendido e já fastidioso da cavallaria estava encerrado; só as descobertas e a sciencia despertavam interesse nos cerebros esclarecidos. Na Italia, o Ariosto com a subtil ironia do seu Orlando, na Hespanha, Cervantes com as facecias geniaes do seu D. Quichote impossibilitaram toda e qualquer tentativa de nova poesia cavalheiresca a quem tivesse querido celebrar ainda os velhos campeões.

Inspirando-se noutra musa mais grave, escreve Camões no canto I dos Lusiadas:

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
.....
Ouvi; que não vereis com vans façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas extranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,

Que excedem Rhodamonte e o vão Rogeiro,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Animado com taes ideias e com sentimentos tão novos e vigorosos, mostra-se Camões a um tempo grande poeta e grande patriota.

Emprehendendo cantar as expedições maritimas dos portuguezes, quiz em primeiro logar popularisar a historia do seu paiz augmentando-lhe o interesse pela forma poetica como a apresenta.

A exhuberante natureza poetica com que fôra dotado permittiu-lhe dar aos seus versos a forma esculptural mais perfeita, correspondendo por completo ao ideal que tinha em mente, permittindo-lhe mais encerrar no poema tudo aquillo que desde os tempos mais afastados até á sua epocha podesse contribuir para o prestigio e gloria da sua patria!

Virgilio encarrega o troiano Eneias de relatar á rainha Dido a queda de Ilion e as suas dolorosas peregrinações; Camões põe na bocca de Vasco da Gama a narração historica dos fastos lusitanos.

Não seria talvez naturalissimo, indispensavel mesmo, mostrar o rei de Melinde desejo de conhecer a fundo a historia dos ousados estrangeiros que, desafiando *mares nunca d'antes navegados*, aproaram ás suas praias anciosos de entrar em transacções?

A narração vem por isso a proposito, sem artificios e sem rhetorica.

Vasco annue cortezmente ao pedido; mas é o coração do poeta que falla, quando o almirante diz áquelle soberano:

Esta é a ditosa patria minha amada,
A qual se o ceu me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.

Vejam agora os sentimentos affectuosos que Camões, descrevendo a Europa, consagra á Italia:

Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.
Em torno o cerca o reino neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte;

Filho illustre d'uma nação illustre, o poeta luso não podia negar o seu tributo de louvores áquella que, posto que então aviltada e deprimida, havia sido augusta Senhora de immensos povos.

Salve, Camões! Com o teu amor patrio antecipaste os seculos no santo principio da fraternidade dos povos!

*
* *

Chateaubriand, no seu *Genio do Christianismo*, posto que reconheça que o assumpto dos Lusiadas é riquissimo para epopeia, acha meio de condemnar Camões por não o aproveitar melhor. «Mas convem notar (acrescenta) que esse poeta foi o primeiro poeta epico moderno, que vivia num seculo barbaro, que ha coisas patheticas e algumas vezes sublimes nos seus versos, e muito mais para notar-se é que foi o mais desgraçado dos homens. E' um sophisma digno da crueldade do nosso seculo affirmar que as boas obras se fazem na desgraça: é falso que se possa escrever bem quando se soffre.»

Confesso sinceramente que me surprehenderam, quando as li, observações tão pueris a respeito do grande poeta portuguez; e, bem por certo, não me incommodaria a refutal-as, se Chateaubriand não gozasse fama muito superior ao seu merecimento.

A mente creadora de Camões revela-se inteiramente e com toda a sua fascinação, nos episodios mais salientes que adornam os dez cantos da sua historica epopeia: o pungente drama de D. Ignez de Castro, a apparição mages-

tosa do Adamastor, e aquella Ilha encantada e voluptuosamente casta, onde as nymphas do mar tão bem acolhem os argonautas portuguezes.

Que dolente compaixão inspiram as palavras d'aquella amantissima senhora, debulhada em lagrimas, que, tentando fugir á morte, implora que antes a abandonem nas margens geladas da Scythia ou nas ardentes areias da Lybia, no meio de tigres e de leões, certamente menos crueis que os seus barbaros matadores, do que a arranquem ao amor do seu adorado Pedro e aos beijos dos seus filhos estremecidos!

O grande Adamastor, implacavel profeta da desventura, é a horrida e artistica personificação d'aquelle cabo erriçado de escolhos e prenhe de tempestades, que Bartholomeu Dias tão bem baptisara da primeira vez com o nome de Cabo das Tormentas.

Finalmente, a pequenina ilha dos Amores não é inferior em belleza, phantasia e originalidade ás de Alcina e Armida e faz antegosar aos olhos dos companheiros de Vasco da Gama a imagem deliciosa das recompensas reservadas ás suas muitas canseiras e aos seus heroicos soffrimentos.

Vale mais, muito mais, um só d'estes episodios do que toda a *Henriade* de Voltaire, unica tentativa de poema epico que os francezes se não cançam de exaltar.

O seculo, tão fecundo no movimento das ideias que renovaram a face da Europa e mergulharam em profundas cogitações os espiritos mais alevantados; o seculo de Camões, Tasso, Ronsard, Telesio, Sarpi, Campanella, Galileu e Kepler, só poderia ser qualificado de *barbaro* por um escriptor intransigente que, encerrado em formulas philosophicas dogmaticas, não sentia a audacia do pensamento retomar a ampla linha do paganismo classico, conservando-se comtudo piedosamente cristã.

As obras primas de Dante, Tasso, Chatterton, Byron, Shelley, Leopardi e d'outros engenhos eminentes que tanto credito gosam, são testemunho eloquente de que a desventura não enfraquece a elevação do genio; pelo contrario retempera-o e afina-o a lucta e a adversidade.

E' possivel que Chateaubriand só conhecesse os Lusiadas pela lamentavel accommodação em prosa dos francezes Duperron de Castera e La Harpe, hospedes na lingua de Camões.

Se lesse o poema no texto original, não o comprehenderia. E não o poderia comprehender, porque os Lusiadas desde a primeira á ultima palavra são um hymno apaixonado de patriotismo só apreciavel para aquelles que sentem vibrar fortemente em seu peito a corda generosa do amor patrio.

Não me parece que a sentisse o Visconde de Chateaubriand, homem todo encerrado em dogmas, para quem a patria se synthetisa na divisa: *Dieu protège le roi*.

Já os francezes das gerações modernas pensão diversamente; alguns d'elles, sahindo dos estreitos limites da sua litteratura, dedicaram-se com affecto ao estudo da litteratura portugueza.

Regosijo-me por poder mencionar com applauso Clovís Lamarre, auctor d'um apreciavel e bem cuidado estudo biographico, historico e litterario sobre Camões e os Lusiadas; Maxime Formont que no seu *Movimento poetico contemporaneo em Portugal* e na sua biographia de *Catharina de Athayde* se mostra perfeito observador e critico consciencioso; Henri Faure e Achille Millieu que são inexcediveis nas suas traducções em verso das obras primas dramaticas e lyricas; e Louis Pilate de Brinn'Gaubast, benemerito das lettras portuguezas e que em apreciaveis criticas sobre os melhores escriptores d'este seculos lhes faz em França activa propaganda.

*
* *

Camões e Tasso, os dois heroes da poesia e da desdita, viveram na mesma epocha, comprehenderam-se e apreciaram-se.

Ao poeta italiano não lhe faltou o engenho poetico do portuguez; faltou-lhe a patria. Porque este nome sagrado mal se poderia dar á terra que Ariosto com tanta razão qualificou de sentina de todos os vicios, á cortezã que

tripudiava nos amplexos vituperiosos de extrangeiros e cobardes dominadores.

E assim, emquanto os seculos vindouros venerarão os Lusiadas de Camões, a Jerusalem de Tasso escapará do olvido mais pela altivez guerreira de Clorinda, pelos encantos feiticeiros de Armida e pelos ternos amores de Herminia, do que pelas armas piedosas do chefe supremo dos Crusados.

A epopeia do poeta lusitano celebra na pessoa de Vasco da Gama o civismo moderno que afanoso pretende derramar os seus beneficios entre povos barbaros e ignotos de paizes longinquos; emquanto a do poeta italiano glorifica em Godofredo de Bulhões uma empreza que, bem que europeia, sob o pretexto de libertar o Santo Sepulchro de Christo aspirava apenas a vasar no oriente civilisado a maré-cheia da barbarie occidental.

Os Lusiadas, quando pela vez primeira viram a luz em julho de 1572, soffreram sorte egual á da Jerusalem do Tasso: foram alvo de motejos e censuras estultas que a malquerença d'outros vates seus emulos, como Caminha, Bernardes, Côrte Real e Sá de Menezes, fez convergir sobre elles.

E não seria esta inveja mesmo, tão manifesta, a prova mais evidente da excellencia e perfeição do poema?

E' para mim de grande satisfação terminar a primeira parte do meu discurso com as bellas palavras de Theophilo Braga:

«O livro dos *Luziadas* tornou-se para os portuguezes o deposito dos germens da sua liberdade, e para Portugal ficou o eterno pregão da historia, o monumento imperecivel do seu passado. Tres gerações passaram, para que a intelligencia portugueza comprehendesse a synthese profunda contida no nome e na obra de Camões—tal é o sentido do jubileu nacional do centenario de 1880.»

Nestas nobres palavras está formulada a opinião do futuro.

*

* *

Morto Camões, cahido Portugal sob a dominação estrangeira, parece, meus senhores, que, no esfacellamento da inde-

pendencia lusitana, a litteratura nacional, exhausta, não mais poderia fazer ouvir aquelles canticos que tanto resoaram outr'ora.

Accorrentado durante 60 annos, ao ferreo jugo hespanhol, conseguiu finalmente libertar-se em 1640, mercê d'uma conspiração popular que collocou no trono de Portugal um novo rei, D. João IV, Duque de Bragança.

O reino estava em completa ruina e D. João, levando-lhe a independencia, não lhe levava comtudo o antigo esplendor.

A este rei seguiram-se outros, estupidos, grosseiros, ignorantes cujo governo fraco e delapidador em nada contribuiu para levantar o prestigio e fomentar a prosperidade da nação lusitana.

O Marquez de Pombal, exercendo todo o seu predominio sobre o debil D. José I, propoz-se regenerar o paiz e despoticamente executou as suas reformas, de 1750 a 1777.

Na primeira metade d'este seculo travaram-se em Portugal luctas encarniçadas e sangrentas em defesa das novas formas de governo representativo consentaneas com o espirito hodierno. Por morte de D. João VI, D Miguel, regente do reino, dominado por sua mãe e pelo partido catholico da Hespanha e da França, proclamou-se rei absoluto, em 1827, fazendo rebentar a guerra civil cuja repressão quiz tentar condemnando os liberaes ao supplicio ou ao exilio.

Como ultimo refugio dos opprimidos havia as conspirações e as rebelliões que eram suffocadas em sangue.

Apezar de tanta decadencia politica e intellectual, ainda no coração de todos se mantinha vivido o nome que durante dois seculos e meio fôra a sua gloria estremecida: Camões!

No tumulo do luso cantor desabrochavam á luz do sol as flores da liberdade e n'aquelle recinto sagrado a terra não conhecia escravidão.

Almeida Garrett, um portuguez que em 1828 se achava exilado em Paris por ter valorosamente defendido com o seu genio, como poeta, como orador, como jornalista e ainda com as armas como soldado, a liberdade constitucional da sua patria, fez reviver n'um poema o cantor dos Lusiadas.

N'aquelles versos tão classicos, entre o terno e o elegiaco, mostra Garrett por vezes a altiva nostalgia que o atormentava; e quando, pela ultima vez, faz que o seu protagonista vibre as cordas da lyra, parece-nos sentir o proprio Camões cantando n'aquella hora tremenda em que

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da gloria lusitana... uma faisca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla...
Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
. . . . . .
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Cegar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
. . . . . .
Oh! qual te vejo,
Infeliz patria!... Serves tu princeza,
Tu, senhora dos mares!... Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? A morte,
A escravidão lhe traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia!»

E então, perante a visão esqualida da patria algemada, o moribundo poeta invoca, rapido como um sorriso, a grandeza da Lusitania nas emprezas maritimas, perpetuo motivo de seu justo orgulho:

«Que naus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas popas descobrir as quinas!
Em vão; da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos portuguezes.
. . . . . .
Oh patria! Oh minha patria!...»

Mas todo o perfume da poesia camoneana exhala-se da apostrophe indignada ao patrio rio:

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora
Neptuno, que de ouvil-o estremecia!
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará da tua gloria? Nem herdeiro
Do teu renome?. .
Não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.»

E a lingua e o nome portuguez não acabaram, antes reviveram por obra de Almeida Garrett. O seu *Camões* fez uma revolução litteraria companheira d'outra revolução politica que deu cabo da monarchia absoluta.

*
* *

O pensamento lusitano, entorpecido pelas frivolidades da Arcadia, despertava a um impulso vigoroso e contribuia para a formação d'uma nova litteratura poetica, cujo olhar cupido e anhelante se volvia para um original sublime: Camões.

A Garrett seguiram-se: João de Lemos e Mendes Leal que em algumas das suas composições se inspiraram em motivos camoneanos, e Soares de Passos, o gentil poeta romantico, que se tornou um dos mais populares de Portugal. Entre as poesias que escreveu, tornou-se notavel uma *O Firmamento* em que o poeta apresenta um conceito scientifico do universo, glorificando a Deus. Mas bella e artistica sobre todas se deve considerar a ode a Camões que influiu sobre Anthero do Quental a ponto de inspirar-lhe a lirica intitulada *A Missão*.

Comtudo a gloria do rejuvenescimento da poesia portugueza, fazendo-a voltar á sua origem ou á simples inspiração popular e nacional e ao estudo da lingua e versificação de Camões, pertence a João de Deus.

Este em alguns dos seus canticos celebrou o grande poeta; e até a sua primeira collecção de poesias abre com o estupendo carme *Camões e Biron*, onde confronta, guiado pelo seu genio poetico, a crença e a fé de Camões com o scepticismo do cantor do *Don Juan* e termina emphaticamente os seus quartetos: «Camões é a poesia!»

As lyricas de João de Deus teem o cunho do mais terno e vivo espirito camoneano, porque não são a consequencia d'uma elaboração artistica, mas a expressão espontanea d'uma phantasia fecunda, d'uma alma candida, d'um sentir delicado. Mal as improvisava, deixando ao cuidado dos amigos o trabalho de as colligir e publicar.

O assumpto dos seus poemas apparece circumscripto a um pequeno grupo de sentimentos tão naturaes que se podem compendiar no amor d'um Deus ideal e do *eterno feminino*.

O homem integro, descuidoso da sciencia, indifferente ás agitações da vida moderna, em plena posse d'attitudes proprias, na livre expansão dos seus instinctos innatos, «o homem (como diz Moniz Barreto) adorando seu Rei e Pae na mais bella de suas obras, o universo, e amando-o na mais bella de suas creaturas, a Mulher, eis qual é o seu ideal.»

Ideal, ao que parece, primitivo, de patriarcha, mas em que reside o segredo eterno da influencia que João de Deus, genio intuitivo e artista de raça, exerceu preponderantemente, durante 35 annos, na lyrica portugueza.

O dia 11 de janeiro d'este anno foi de lucto para Portugal. João de Deus fôra arrebatado ao affecto e á admiração enthusiastica dos seus compatriotas.

As camaras levantaram as sessões em signal de lucto nacional, não sem ter sido primeiro approvada a nobre proposta do ministerio pela qual a patria concedia á familia do illustre extincto a pensão annual de um conto de reis.

A trasladação do cadaver de João de Deus para o Pantheon de Belem foi uma perfeita apotheose, como nunca se viu egual: 200:000 pessoas, para mais, vindas de todos os pontos do paiz, acompanharam commovidas o feretro do poe-

(*Continua*).

ta que era considerado o herdeiro, o filho legitimo do lyrico Camões.

Exulta, alma indignada do cantor dos Lusiadas! A tua patria, dotada hoje de sentimentos mais generosos, já não deixa morrer na indigencia e no olvido os seus poetas valorosos; vivos, aprecia-os; mortos, glorifica-os!

*
* *

Ha annos, o principe Humberto, hoje nosso rei, acompanhando sua irmã, D. Maria Pia, que ia ser esposa do rei D. Luiz 1.º de Portugal, foi visitar Coimbra, a antiga cidade que viu a morte de D. Ignez de Castro e onde actualmente existe um rico museu de antiguidades devido á iniciativa fecunda do seu nobre e erudito bispo, monsenhor D. Manoel Correia de Bastos Pina, socio da Real Academia de Historia, de Madrid.

Nessa occasião os estudantes da celebre universidade alli existente, que entre os nomes laureados dos seus alumnos contara o do proprio Camões, querendo saudar o augusto hospede, escolheram para o desempenho d'esta missão um joven, espirito de eleição, que já gosava a fama de poeta de muito merecimento.

Este, em presença de todas as authoridades reunidas para prestar homenagem ao Principe, adiantou-se, dizendo com todo o arrojo:

«Venho saudar em Vossa Alteza, não o filho do rei Victor Manuel, não o herdeiro da corôa de Italia, mas o amigo de Garibaldi!»

O joven era Anthero de Quental, que, mais tarde, devia ser o porta-bandeira do movimento litterario de Portugal.

O incidente narrado accrescentou-lhe o prestigio e tornou manifestos os seus principios. Os generaes Pallavicini e Cialdini sorriram da desassombrada franqueza do joven estudante e Humberto apertou-lhe affectuosamente a mão, agradecendo.

Poeta de imaginação ardente e pensador profundo, An-

thero introduziu na litteratura as doutrinas philosophicas dos allemães e as theorias humanitarias dos francezes encarnando-as nas suas lyricas por uma forma muito original.

Intolerante para com os grilhões que ligavam o pensamento ás velhas tradições academicas, quiz acabar com elles e nesse intuito dirigiu ao velho Castilho, o dictador da escola poetica classica, a famosa carta—*Bom Senso e Bom Gosto* proclamando a queda do ultraromanticismo.

Teve por vigorosos collaboradores, nesta obra de regeneração intellectual, um grupo de antigos condiscipulos seus, da Universidade de Coimbra, hegelianos como elle. Foi renhida a lucta que se travou e que veio a terminar pelo triumpho d'uma nova escola que se formou nos annos de 1865-66, d'onde sahiram os principaes escriptores portuguezes contemporaneos.

Os versos juvenis de Anthero, impregnados d'um christianismo ideal, resentem-se da influencia do seu primeiro mestre, João de Deus, se bem que completados pelas *Odes Modernas* e pelos *Sonetos*, que permittem seguir a evolução philosophica da mente do poeta, que começou pelo catholicismo, cahe depois na duvida e chega, senão á incredulidade, á ironia transcendente, para achar a fé budhista nos seus ultimos momentos.

Que é o homem, segundo elle?

> Um parto da Terra, monstruoso;
> Do humus primitivo e tenebroso
> Geração casual, sem pae nem mãe...
> Mixto infeliz de trevas e de brilho,
> ... talvez Satanaz;—talvez um filho
> Bastardo de Jehovah;—talvez ninguem.

No soneto *O Convertido*, com quanto pareça ter remorsos do passado, conclue por estas palavras:

> «Só me falta saber se Deus existe!»

Tal qual o florentino Guido Cavalcanti que, caminhando por entre esquifes de defunctos, duvidava da existencia de Deus.

Combatido por mil affectos contrarios, Anthero vae, novo Platão, em busca d'uma ideia; mas, em lugar da harmonia celeste e do *Logos* concebidos pelo philosopho grego, o poeta lusitano ouve entre as espheras o ecco da negação universal. O conflicto entre a sua phantasia e a razão, ambas gigantes, sem que uma seja forte bastante para dominar a outra, deixa-o abatido sob o peso da sua propria força, exhaurindo-lhe as energias.

D'uma carta auto-biographica que escreveu a Wilhelm Storck, deprehende-se que os seus ideaes religiosos, se em verdade assim se podem chamar, consistiam n'um hellenismo coroado por um budhismo, como o provam os sonetos *No Circo* e *Nirvana*.

Mais imaginarias que reaes eram as suas desventuras, bem que nos ultimos annos o torturasse uma nevrose violenta. Mas a agonia do seu espirito era provocada pela visão das perpetuas miserias do mundo reflectidas a dentro d'elle.

Era logico e natural que, tendo ensinado que o homem não pode ter satisfação alguma na terra e que sempre o peor mal é ter nascido, elle idialisasse a morte e mostrasse, vivo, o desejo de terminar com a inutil existencia.

Mas a morte por que suspirava com espirito de fé, com ancia ardente, porque *o não ser é o ser unico absoluto*, a morte libertadora e inviolavel, que convida os que trabalham ás doçuras do repouso, a morte, irmã do amor e da verdade, não teve Anthero paciencia para aguardal-a: a 11 de Setembro de 1891 suicidava-se com dois tiros de rewolver.

Um fim voluntario e tão tragico demonstra á evidencia o venenoso influxo que podem exercer num espirito desequilibrado theorias falsas e condemnaveis.

Com razão o Dr. Souza Martins, distincto alienista portuguez, uma das intelligencias mais lucidas de toda a peninsula iberica, no seu longo e profundo estudo *Nosographia de Anthero* lhe chama: «um degenerado sublime, de talento maravilhoso.»

«E' cedo ainda, diz Edgar Prestage, para um juizo critico sobre o valor da obra poetica de Anthero; mas bem por certo se pode affirmar que elle, no numero dos maiores poetas do seculo XIX, tem logar marcado ao lado de Heine e de Leopardi.»

Assim o creio. Admirador sincero do genio, seja qual fôr a forma por que elle se manifeste, inclinar-me-hei reverente perante Giacomo Leopardi e Anthero de Quental; mas fazendo votos para que os dois illustres infelizes não tenham proselytos nem imitadores e fiquem modelos isolados irradiando a sua luz no vacuo, fóra da familia humana.

*
* *

Não vos desagradará de certo, meus senhores, que eu vos traduza algumas estrophes d'uma magnifica lyrica *Os vencidos* onde melhor apparece o pessimismo systematico do poeta, cujo atheismo se resolve num sarcasmo, vivo mas delicado:

«Tres cavalleiros seguem lentamente
Por uma estrada erma e pedregosa;
Geme o vento na selva rumorosa,
Cae a noite do ceu, pesadamente.
Vacillam-lhes nas mãos as armas rotas,
Teem os corceis poentos e abatidos,
Em desalinho trazem os vestidos,
Das feridas lhes cae o sangue, em gotas...
A derrota, traiçoeira e pavorosa,
As frontes lhes curvou, com mão potente;
No horisonte escuro do poente
Destaca-se uma mancha sanguinosa.»

Dos tres guerreiros symbolicos do Anthero, um procurou a felicidade no amor, outro fez-se campeão da justiça e o terceiro dedicou-se a Deus. Todos lamentam desesperados a mesma illusão; mas os queixumes do ultimo são ainda mais amargos:

«Amei a Deus e em Deus puz alma e tudo.
Fiz do seu nome fortaleza e escudo
No combate do mundo traiçoeiro.
Invoquei-o nas horas affrontosas
Em que o mal e o peccado dão assalto,
Procurei-o com ancia e sobresalto,
Sondando mil sciencias duvidosas.
Que vento de ruina bate os muros
Do templo eterno, o templo sacrosanto?
Rolam, desabam, com fragor e espanto,
Os astros pelo ceu, frios e escuros!
Vacilla o ceu e os santos desesperam...
Tedio reçuma a luz dos dias vãos...
Ai dos que juntam com fervor as mãos!
Ai dos que creem! Ai dos que inda esperam!
Irmãos, amei a Deus com fé profunda...
Por isso vago sem conforto e incerto,
Arrastando entre as urzes do deserto
Um corpo exangue e uma alma moribunda.»
E os tres, unindo a voz num ai supremo,
E deixando pender as mãos cansadas
Sobre as armas inuteis e quebradas
Num gesto inerte de abandono extremo,
Sumiram-se na sombra duvidosa
Da montanha calada e formidavel,
Sumiram-se na selva impenetravel
E no palor da noite silenciosa.

Apezar de toda a sua originalidade, o indomito poeta não se subtrahe á poderosissima influencia de Camões, que transmonta os seculos; aqui e alli podem surprehender-se nas lyricas de Anthero certos geitos, certos tons e certas reminiscencias que provéem do pae da litteratura portugueza. Qualquer pessoa habituada á leitura das obras de Camões pode facilmente observar isto nas *Primaveras romanticas* sob cujo titulo Anthero colligiu e publicou, em 1872, as suas *juvenilia*, poemas de amor e trabalhos de phantasia acompanhados de

outras composições mais recentes do mesmo genero, onde soube transfundir o sopro melancolico e suave da lyrica camoneana.

*
* *

Nas azas do pensamento, passemos agora, senhores, por um momento, a Ponta Delgada, nos Açores. Estamos numa triste noite de dezembro de 1858. Numa vasta officina terrea d'uma typographia, á pallida luz d'um candieiro suspenso do tecto, um moço operario, de 15 annos apenas, está todo entregue á composição d'umas paginas suas manuscriptas. O vento faz ouvir a sua monotona psalmodia e a chuva gelada açouta os vidros das altas janellas.

Mas elle não sente frio nem cansaço. Correm as horas silenciosas: e elle trabalha, trabalha sempre com uma actividade febril, como que ancioso por pôr termo á fatigante tarefa.

A fronte larga, as linhas bem pronunciadas, o olhar rutilante dão ao seu todo o cunho d'uma altivez mascula, d'uma vontade indomavel. E' a cabeça d'um homem energico no corpo debil d'um adolescente.

Aquelle mancebo, cujo espirito livre e independente não admittia peias, sahiu, bem novo ainda, da casa de seus paes, para aprender a typographo compositor, forcejando assim por adquirir os meios precisos para se sustentar e proseguir assiduamente os seus estudos. A' hora a que o vemos, occupa-se elle mesmo da impressão do seu livro de versos *Folhas Verdes,* com cujo producto espera seguir os cursos universitarios em Coimbra.

Mas quem é então o operario poeta? E' Theophilo Braga, que pediu ao director da typographia o deixasse ali fechado para poder trabalhar de noite e concluir a composição da sua primeira obra, da qual espera o renome e o futuro.

Theophilo, hoje poeta, historiador, critico, philosopho e sociologo, que goza, e com razão, fama europeia, deve ser considerado como um dos chefes da nova escola, chamada Coimbrã, porque galhardamente coadjuvou Anthero de Quen-

tal no impulso que este deu á moderna evolução naturalista da poesia portugueza.

Foi elle o primeiro que, sahindo dos estreitos limites da nacionalidade, soube transferir-se para um campo mais vasto e mais fecundo, tomando para assumpto d'um poema seu a historia universal da humanidade.

O livro *Visão dos tempos*, publicado em 1864, posto que inspirado, talvez, na *Lenda dos Seculos*, de Victor Hugo, não deixa de ser um bellissimo e original ensaio de epopeia, onde o moço poeta, assediado de ideaes historicos e romanescos, faz seus, com mão de mestre, todos os symbolos, todas as tradicções e todas as lendas das civilisações extinctas.

Começa pelo mundo pagão, fonte inexgotavel de phantasias fulgurantes e faz passar á nossa vista, fantasmagoricamente, a antiguidade homerica; templos gregos, sacerdotes e ritos, divindades campestres e selvaticas, naiades nadando em ondas cristallinas e ebrias bacchantes fugindo pelos campos em carreira desordenada.

Vem depois a harpa de Israel, a Biblia e o Evangelho, onde, desde Eva que chora no Eden a falta commettida, se chega até S. João, o fatidico poeta do Apocalipse que dorme o somno eterno na ilha de Patmos sob o immenso, claro e torrido firmamento.

Assiste-se ao desfilar da caravana dos reis magos que atravessam o deserto, para humilhar o profundo mysticismo de Zoroastro aos pés da encarnação *d'uma ideia* transmittida pelos seculos. Mais além succede á Roma da decadencia o Oriente de Mahommet que cede o seu lugar á gothica Edade media e d'ahi á Renascença com Frei Jeronymo Savonarola.

*

* *

Extraio do poema alguns excerptos em que vemos retratado, com verdade historica e vigor artistico, o rigido dominicano que, rebelde a Roma, fulminou os vicios do seculo e as iniquidades da Sé Pontifical contaminada pela corrupção

dos Borgias. Elle soffreu intrepidamente o supplicio da fogueira, com a consciencia serena de ter sacrificado tudo a um ideal santo, a liberdade da sua amada Florença:

I

Quem sabe o que era um monge? foragido,
Ermo e triste na paz da estreita cella,
No pedestal da cruz tendo pendido
O rosto macilento de quem véla!
Quantas vezes na dôr do seu gemido
Se abriu o ceo, e a musica singela
Do coro angelical pôz doce calma,
Vindo repercutir dentro em sua alma!

II

Ao longe vendo a eterna patria, ancioso,
Como Moysés a terra promettida:
Sulamite com mais fervor, do esposo
Não espera da volta a hora querida,
Como elle espera o instante venturoso
Do regresso do exilio e da partida:
Do austero monge foi a terra leito,
E sepulchro da angustia o debil peito.

V

Do apostolo era o vulto! Assim o viu
Num extasis suspenso irradiante,
Na penumbra do carcere sombrio,
Tendo a aureola em volta do semblante...

VII

Apostolo é a pomba que annuncia
A paz, trazendo o ramo de oliveira!
Apostolo é o grito de alegria!
Apostolo é a sombra da palmeira!

Apostolo é o sol que traz o dia,
E o dia a liberdade á tribu inteira!
Apostolo é o obreiro do futuro,
Martyr collocado no flagicio escuro.

VIII

E o apostolo ergueu-se! Viu n'essa hora
Que o povo ia seguil-o em seu delirio,
Como Israel tambem seguira outr'ora
A' noite, no deserto, o ignoto cirio:
Viu fulgir no futuro a eterna aurora,
Faltava-lhe a corôa do martyrio....
E Roma estremeceu! do Christo a esposa
Dá-lhe a palma, abre a via dolorosa!

Julgo opportuno accrescentar que, por occasião do centenario de Camões, Theophilo publicou um poema philosophico assaz notavel pela movimentação dramatica. Representa, n'elle, o rei de Hespanha chamando á sua presença, depois de invadido o reino lusitano em 1580, o cantor dos Lusiadas para o recompensar do abandono indigno a que o votaram os seus compatriotas, mas encontrando morto aquelle grande poeta e morto juntamente com a patria. O sombrio Filippe capacita-se então de que a sua nova conquista ficaria sempre vacillante e ephemera; que nunca poderia ser o verdadeiro senhor de Portugal.

Theophilo Braga revela-se-nos um poeta cultissimo, d'um gosto esquisito e um senso philosophico perfeito, do bello e da historia.

O seu nome synthetisa uma das glorias litterarias mais fulgurantes com que a nação portugueza dotou a civilisação contemporanea.

*
* *

A Inglaterra, em 1890, pretendeu occupar alguns territorios que Portugal possue na Africa Central; d'aqui a origem

d'um grande conflicto entre as duas nações. Receavam os portuguezes angustiosamente que a força bruta esmagasse, mais uma vez, o direito e a justiça.

Ao ver a patria em perigo, um poeta, guardião fiel da honra nacional, não pôde ter mão em si que não entoasse, sublime e cheio de desprezos, um cantico audaz e generoso:

«Inglaterra! Inglaterra! O teu braço robusto,
Forte... para dobrar inermes resistencias,
Quebra, humilha-se, cahe, como fragil arbusto,
Quando o açouta o desprezo altivo das Potencias...

O teu riso de hyena, o teu sarcasmo gelido,
A hypocrisia untuosa.....
..... faz de ti.....
Um ventrudo Falstaff em habitos de asceta.

..... Agachas-te, leopardo!
E apresentas, submisso, o maculado flanco,
Do *Chanceller de ferro* ao penetrante dardo,
Ou á pata cruel do pesado *Urso branco*...

Só para nós, Albion, és altiva e arrogante.
.....

Embora! Não trepida um povo que na historia
Dos seus feitos archiva heroicas tradições,
Que sente, a abroquelál-o, a indestructivel gloria
De dar á India um Gama e ao Gama dar Camões!

Não se morre de medo aqui, neste cantinho
Do occidente..... .....

A patria acorda, emfim! Vae longe o pesadelo,
Em que sentira, em sonho, a tua adunca mão
Estrangular-lhe a voz...

Vê que estamos de pé. Despertámos. .....

Vae victoribus!.... ....

Ai de ti, Albion! No enxame das escolas
Flammeja a indignação, patriotica, viril;
Os braços juvenis erguem-se, como estolas
Em que refulge o sol, em que rescende abril.

Colosso, has de cahir! Hoje, ámanhã, um dia,
Não muito longe, não! no lodo has-de baquear!
A terra acha pesada a tua tyrannia,
Protesta contra ti, velho pirata, o mar!

De toda a parte aonde um peito nobre e altivo
Rende culto á justiça e aos santos ideaes,
De toda a parte surge o protesto incisivo
Que te marca no hombro infamantes signaes.

O canto, cujos excerptos acabamos de ler, como faisca electrica percorria as fibras da nação inteira e um sagrado enthusiasmo accendia as almas e os corações de todos, incitando-os á lucta.

Feliz aquelle povo onde ha poetas que tão alto sabem manter o sentimento da dignidade e mostram ter a alma livre e aberta ás aspirações sublimes! Na sua mão o estandarte da patria desfralda-se no radioso brilho da sua gloria que nenhuma presumpção extranha poderia offuscar.

O poeta, o patriota ardente, era Manuel Duarte d'Almeida, um dos lyricos mais insignes de Portugal. Com toda a justiça a Academia Real das Sciencias, de Lisboa, o inscreveu, por unanimidade, no rol dos seus immortaes.

*
* *

Em abril de 1889 um grupo de homens de letras e de sciencia resolveu prestar um tributo de homenagem solemne

á memoria do Infante D. Henrique, Grão Mestre da Ordem de Christo, esse principe heroico e sapiente que viveu no seculo XV e usou o titulo notabilissimo de *Protector e Defensor Perpetuo dos Estudos em Portugal.*

Creou a marinha portugueza; estudou e mandou estudar astronomia, geographia, sciencias da navegação; e preparou o caminho aos grandes navegadores, promovendo, tanto quanto lhe era possivel, a exploração e a colonisação da costa occidental da Africa.

Mandou construir um observatorio no cabo de Sagres, ainda hoje famoso, e n'aquelle pacifico retiro passava o real vidente noites inteiras na contemplação dos astros, procurando, talvez, ler nelles o glorioso futuro do seu povo e a epopeia immortal de Camões.

Tal principe, circumdado d'uma aureola de lenda, bem necessitava cantor condigno: por isso, a convite dos promotores da festa, encarregou-se Manuel Duarte d'Almeida de escrever as *Estancias ao Infante D. Henrique,* que, no dizer dos criticos, sobrelevam, pela excellencia, a todas as suas numerosas composições poeticas.

Damos a palavra ao poeta:

VII

De pé, na aguda escarpa do rochedo
De que fizera abrigo solitario,
Que mais dissereis aspero degredo
Ou retiro de monge visionario,
Ou julgareis—talhado no fraguedo—
Phantastico navio temerario,
Impaciente que bata a sua hora
Por fazer-se de vela, sem demora;

VIII

Pelo silencio calmo, grato á mente
Que os problemas eternos vê, medita,
—Busca, ancioso, de Sagres o vidente,

Ler nas letras da abobada infinita...
Os astros interroga. Do oriente
Ao poente, na orbita prescripta,
Vae seguindo, escrutando o rumo vario
D'esses lumes do immenso Lampadario.

IX

Aos ventos, que lhe trazem os perfumes
De presentidos páramos distantes;
A's ondas, que em monotonos queixumes
Sabem fallar aos rudes navegantes;
Exora que afugentem os negrumes
Que lhe ennublam as vistas penetrantes;
E astros, ondas e ventos, á porfia,
Repetem-lhe, passando: Vae! confia!

X

E eil-as, lá vão, as suas caravelas,
Impavidas, sulcando ignotos mares,
Como se o genio mesmo das procellas
Recuára, sumindo-se nos ares!
Oh maravilha das façanhas bellas,
Dos altos feitos, grandes, singulares!
Um povo, hontem ainda, mudo, obscuro,
Eil-o, hoje, dos povos palinuro.

Não se sente nestas estrophes o sopro vivificante dos Lusiadas, o espirito da grande vida e da grande realidade?

Os poetas lusitanos, inspirados sempre assim na verdade, não descem a baixezas, a sensualismos e a quejandos sentimentos, antes se mantèem dignos e serenos, formando da historia e da poesia um unico objecto.

Manuel Duarte d'Almeida, em quem revive, em toda a sua magestade, o caracter de Camões, mostra-se discipulo perfeito d'aquella soberana intelligencia e dignissimo continua-

dor da tradição epica nacional. Ao poeta e ao amigo dilectissimo envio cordealissima saudação.

*
* *

Em Joaquim d'Araujo, consul geral de Portugal em Genova, não sei que admirar mais nem que fazer extremar a vossas ex.as, se o elegiaco gentil, se o epico vigoroso, se o artista genial que sente maravilhosamente a plastica e se mostra inexgotavel pela variedade da phantasia e do metro.

A sua musa, florida e fecunda, inspirou-lhe não poucas peças poeticas todas dignas de muito apreço.

Vejamos o *Missal do Monge* (das *Occidentaes*) essa lyrica superiormente brilhante sobre todas as mais, tanto pelo pensamento como pela factura:

«Alheiado da marcha das Edades
No frontão d'uma antiga cathedral,
Batido pelos soes e tempestades,
Fitava um monge as folhas d'um missal.

Nesse livro, sombrio, de granito,
Lia os psalmos tristissimos da Dôr:
As estrellas choravam no infinito,
Vinham da terra emanações de amor.

Fundiam-se no aroma, que das plantas
Ia subindo, manso e virginal,
Os suspiros meiguissimos das santas,
Nas naves da severa cathedral.

Vinham os noivos, a vibrar de esp'ranças,
Cheios de luz os roseos corações,
Passavam as risadas das creanças,
Lançavam-se nas vallas os caixões.

Mas o Monge de aspecto imperturbavel
A fronte scismadora, esculptural,
Pendia sobre o livro, inquebrantavel,
Na mudez da sombria cathedral.

Ha mil annos, ficára embebecido
No livro da Amargura, a soletrar:
—Ao longe o mar chorava, enternecido,
—Rugia ao longe, pavoroso, o mar.
E as Edades crueis iam passando,
—Aguias reaes com vôo triumphal,
E o santo Monge o livro contemplando,
Immovel, na vetusta cathedral.
Mas um dia chegou, emfim, um dia
Que uma ave poisou—beijo de amor,
Sobre o livro de pedra, que attrahia
O ascetico e solemne sonhador.
Parando, ali, tão longe do seu ninho,
Sobre as folhas silentes do missal,
Entoou canções brancas, como arminho,
No gelado frontão da cathedral.
E, o vôo levantando, corta o espaço,
Como um rapido sonho que passou:
Brilhava a Lua, inerme de cansaço,
Somnambula de amor que desmaiou.
Sente o Monge vibrar de enternecida
A alma sequiosa de ideal,
E, alongando os olhos pela Vida,
Cae-lhe das mãos o rigido missal...

Mas trabalho mais bello e mais digno de elogio é, na minha opinião, o que consagrou ao *altissimo vidente dos Lusiadas,* cuja vida aventurosa não podia Joaquim d'Araujo descrever melhor do que o fez nos seus dezesete sonetos.

Na egreja das *Chagas* dá-se o encontro de Camões com a timida e loura Catharina e o primeiro dos seus amorosos suspiros vae ligar-se ao lento psalmodiar ante o austero crucifixo.

Protegido pela bondosa Infanta D. Maria, graciosa protectora dos dois amantes, procede Camões á leitura das suas amorosas canções perante a côrte e aquella que as inspirou, que com as faces aquecidas pelo rubor as escuta enlevada.

Chega a separação cruel. Em pé no navio que o conduz ás Indias vae Camões que, olhando para as ondas d'onde surgem as nereidas consoladoras, parece-lhe sentir vir do mar um fremito de gigantesca epopeia. Emquanto no ceu brilham as estrellas, contempla D. Catharina, afogada em soluços, do palacio da Ribeira o Tejo sulcado de fugitivas galeras.

Camões na gruta de Macau é visitado por cohortes de heroes e a musa da epopeia corre a beijar-lhe a fronte. Succede o naufragio; mas Camões disputa ás ondas iradas o seu divino poema, sagrada lenda do povo lusitano, salva-o e leva-o comsigo para o duro carcere onde o atormentam extranhas visões.

E' commovente o idilio de Barbara, uma escrava cujo coração só pertence a Camões e que o contempla extasiada, em quanto elle, abstracto, guia o pensamento para a longinqua Catharina.

Morre a donzella adorada. Volta o poeta a Lisboa: e lê a epopeia ao joven rei D. Sebastião que, avido de gloria, applaude enebriado pelo relato das conquistas lusitanas.

Termina o poemeto pela morte de Camões.

Adormecido no doloroso sudario da patria, o poeta guerreiro está acompanhado pela mãe que cobre de beijos as mãos do filho adorado que, morrendo, entra na immortalidade.

*
* *

Aqui me detenho, Senhores, porque não desejo abusar por mais tempo da vossa benevolente attenção, continuando a fallar d'outros poetas contemporaneos de cuja obra resaltam, evidentes, vestigios da influencia de Camões.

Antes de terminar permittam meus senhores, que saude com respeitosa admiração o glorioso povo portuguez e especialmente o seu nobre monarcha em cujas veias corre sangue de dois heroes: Victor Manuel de Saboya e D. Pedro de Bragança.

Rei esclarecido e democratico, D. Carlos I é o verdadeiro protector das disciplinas liberaes. Na sua côrte rutilam nomes

fulgurantes da sciencia e das letras e com justiça se poderia qualifical-a da Athenas das côrtes.

Quando Lisboa, em março de 1895, festejou com a maior solemnidade o anniversario natalicio de João de Deus, não se desdenhou a Augusta Magestade de ir pessoalmente a casa do venerando poeta nacional felicital-o e entregar-lhe as insignias de Grã Cruz da Ordem de S. Thiago com que o havia agraciado.

D. Carlos de Portugal poderia repetir n'esse momento, com toda a justiça, os versos que Carlos II de França dirigiu ao grande Ronsard:

«Tous deux également nous portons la couronne,
mais Roi, je la reçus, poéte, tu la donnes.»

Se alguma vez a politica opportunista e pessoal, inimiga da civilisação e do progresso, se compraz em promover dissidencias entre povos communs pelas origens e pelas tradições, consola-nos ao menos ver que o genio dos escriptores enfeixa no mesmo laço a obra sublime da arte e a fraternidade universal.

Dante, Victor Hugo e Cervantes formam com Camões a grande quadrilogia que se ergue magestosamente serena sobre as miserias e as mesquinhices da politica, unindo n'um amplexo de paz e amor as nações neo-latinas.

Napoles, 30 de Maio de 1896.

ANTONIO PADULA.